

# Pioneirismo (esperado) do Brasil

## Victor Salviati

*Biólogo, especialista em projetos de carbono florestal*  
[vsalviati@gmail.com](mailto:vsalviati@gmail.com) / <http://br.linkedin.com/in/vsalviati>

**N**o ano da Biodiversidade, o país mais biodiverso do mundo parece não exercer o pioneirismo que lhe é esperado.

Apesar de ser notória a importância da biodiversidade, esta não é factível. Diferentemente de um carro, um computador ou uma casa, poucos (ou nenhum) saberiam dizer com certeza quanto vale um hectare da Mata Atlântica, ou ainda quanto custa a água produzida pela floresta Amazônica?

E podemos ir além: quais são os serviços oferecidos pelo meio ambiente? Alguns responderão a água, o carbono estocado, os alimentos. Mas e o conforto térmico, a beleza cênica, os valores espirituais e religiosos?

Como, baseado na ciência cartesiana e na economia clássica, conseguiremos mensurar, valorar e comercializar bens intangíveis desta magnitude?

No mundo real, esta valorização vem sendo feita seguindo duas abordagens distintas: valoração via a necessidade da manutenção de um serviço ou produto (e.g., proteção de árvores em que a casca é matéria-prima para a produção de fragrâncias); ou ainda via um mercado baseado em projetos de mitigação climática: o tal do Mercado de Carbono – sendo que este último, mesmo com técnicas refinadas de mensuração e monitoramento, é questionável por muitos.

E como o Brasil se coloca nessas discussões sendo o país mais rico em biodiversidade do mundo?

Infelizmente, não muito bem...

Apesar das discussões terem se iniciado no Rio-92, o Brasil não agregou muito a mais à discussão. Instabilidade política, falta de assessoria aos líderes, incompetência técnica – podem ser

**“Como, baseado na ciência cartesiana e na economia clássica, conseguiremos mensurar, valorar e comercializar bens intangíveis desta magnitude?”**

vários os motivos; mas o fato é que o Brasil não está exercendo o papel de líder que o mundo esperava – e que nós gostaríamos.

Pode-se defender que as taxas de desmatamento vêm caindo – assim como se pode dizer que esse decréscimo é fruto de métodos e critérios – ou ainda que houve o aumento de áreas protegidas, mas a questão cerne é que o Brasil, mais uma vez, deixa a desejar. Segundo o recém-lançado relatório da WWF (“Living Planet 2010”), somente a América do Sul perdeu quase 50% de sua biodiversidade – e o mundo “apenas” 28% (dados de 2007).

Assim, quais medidas o Brasil deveria adotar para liderarmos as discussões e revertermos esse cenário em que o mundo está colapsando bem na frente de nossos olhos...

Primeiramente, o Brasil deve fazer a “sua lição de casa” – isto é, incentivar políticas ambientais, enrijecer a fiscalização, apoiar iniciativas ambientais sérias dentre outras.

Para se ter uma ideia, segundo o relatório da Funbio de 2009, 80% do orçamento destinado à preservação e conservação da Amazônia foram empregados em despesas correntes, salários e encargos. E mais, segundo o Ministério do Meio Ambiente, em 2007, apesar de se ter mais de R\$ 400 milhões para executar projetos de conservação ambiental, apenas 16% foram realmente executados –

enquanto que o restante ficou parado em tramitações legais.

Em paralelo às atividades domésticas, o Brasil deveria se posicionar mais fortemente no cenário global para defender dois pontos cruciais: (i) a importância de projetos florestais no âmbito de mitigação climática e (ii) a necessidade de fundos internacionais para viabilizar estas, e outras, iniciativas em países em desenvolvimento e pobres.

Com relação ao primeiro ponto, vejo este posicionamento feito com um argumento já estabelecido e muito convincente: quase  $\frac{1}{4}$  das emissões de  $\text{CO}_2$  e  $\frac{3}{4}$  de  $\text{CH}_4$  advêm de mudanças do uso do solo. Em outras palavras, caso conseguíssemos congelar o desmatamento no planeta, teríamos uma queda de quase 20% nas emissões globais.

E sobre o segundo aspecto, necessidade de fundos, o maior argumento vem do *Relatório Stern* em que este apresenta diversas formas de mitigar e

diminuir o impacto do homem no planeta, sendo que projetos florestais têm os melhores desempenhos de custo-benefício; isto é, por unidade de dinheiro gasto, retornam mais benefícios.

É claro que ao resumir os problemas e as soluções em poucas linhas, estes parecem fáceis e de rápida resolução – entretanto, infelizmente, não o são.

Assim, no contexto do Ano da Biodiversidade, ano de eleições nacionais, o mundo todo convergindo para as discussões ecológicas (por mais fraca que sejam), acredito que o Brasil deve se posicionar e exigir dos demais países ações drásticas e agudas – sem esquecer, obviamente, de suas responsabilidades domésticas.

O cavalo selado está passando na nossa frente, e estamos quase perdendo o momento de pular nele – mesmo porque, do jeito que as coisas andam, capaz que o próprio cavalo entre em extinção!